

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

EDUARDO BEZERRA DE OLIVEIRA SILVA

**Impacto das ilustrações de livros literários na
aprendizagem e interação de estudantes do ensino
fundamental – um estudo de caso**

Carpina

2019

Eduardo Bezerra de Oliveira Silva

**Impacto das ilustrações de livros literários na
aprendizagem e interação de estudantes do ensino
fundamental – um estudo de caso**

Trabalho apresentado à banca Examinadora da Monografia para conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais com Ênfase em Digitais da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de licenciado em Artes Visuais.

Área de concentração: Ilustração infantil

Orientadora: Prof. Dra. Aliete Gomes Carneiro Rosa

**Carpina
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S237i Silva, Eduardo Bezerra de Oliveira
Impacto das ilustrações de livros literários na aprendizagem e
interação de estudantes do ensino fundamental – um estudo de caso /
Eduardo Bezerra de Oliveira Silva. – 2019.
47 f. : il.

Orientadora: Aliete Gomes Carneiro Rosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Artes
Visuais com Ênfase em Digitais, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Ilustração 2. Livro infantil 3. Artes visuais I. Rosa, Aliete
Gomes Carneiro, orient. II. Título

CDD 370

Nome: SILVA, Eduardo Bezerra de Oliveira

Título: Impacto das ilustrações de livros literários na aprendizagem e interação de estudantes do ensino fundamental – um estudo de caso

Trabalho apresentado à banca Examinadora da Monografia para conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais com Ênfase em Digitais da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de licenciado em Artes Visuais.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

RESUMO

Com o intuito de analisar o perfil dos estudantes do Ensino Fundamental I e identificar as preferências de cada leitor, o presente trabalho traz o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com estudantes de 04 a 12 anos na escola da rede municipal Engenheiro Guilherme Diniz, situada da Região Metropolitana do Recife. Com base nessa análise de perfil, buscou-se identificar qual o tipo de material mais atrativo de acordo com a faixa etária e nível de alfabetização verbal.

Com base nos estudos de Peter Hunt, professor inglês com grande contribuição na área de literatura infantil, e Donis A. Dondis, designer e professora com vasta contribuição no campo do alfabetismo visual, este trabalho é voltado para o contexto típico da sociedade brasileira, levando em conta a realidade dos estudantes oriundos de regiões periféricas e/ou com níveis socioeconômicos que muitas vezes não permite a aquisição de uma boa quantidade de livros infantis por parte de seus pais ou responsáveis, o que enfatiza a importância da biblioteca escolar no contexto vivenciado por essas crianças.

Os resultados se mostraram bastante satisfatórios e forneceram bons números que constata a influência bastante positiva que o livro infantil ilustrado tem no cotidiano escolar.

Palavras-chave: ilustração; livro infantil; artes visuais

ABSTRACT

With the aim of analyzing the profile of students of Elementary School I and identify the preferences of each reader, the present work brings the result of a qualitative research carried out with students from the age 04 to 12 at the municipal school Engenheiro Guilherme Diniz, located in the Metropolitan Region of Recife. Based on this profile analysis, we sought to identify which type of material is most attractive according to age and verbal literacy level.

Based on the studies of Peter Hunt, an English teacher with a major contribution in the field of children's literature, and Donis A. Dondis, a designer and teacher with a vast contribution in the field of visual literacy, this work focuses on the typical context of brazilian society in the field which most of the students come from peripheral regions and / or with socioeconomic levels that often does not allow the acquisition of a good amount of children's books by their parents or guardians, which emphasizes the importance of the school library in the context experienced by these children.

The results were quite satisfactory and provided good numbers that confirm the very positive influence that the illustrated children's book has on school daily life.

Keywords: illustration; children's book; visual arts

Lista de figuras e tabelas

FIGURA 1 - Alice no País das Maravilhas	12
FIGURA 2 - Xilogravura demonstrando o processo de produção da xilogravura	20
FIGURA 3 – Açougueiro	22
FIGURA 4 - Travessia do Rio Estige – A Divina Comédia	22
FIGURA 5 - Festa do chá do Chapeleiro Louco – Alice no País das Maravilhas	24
FIGURA 6 - O Gato de Botas	25
FIGURA 7 - A Child's Garden of Verses	26
FIGURA 8 - One more step, Mr. Hands – A Ilha do Tesouro	27
FIGURA 9 - Atividade de ilustração	32
FIGURA 10 - Atividade de ilustração	32
FIGURA 11 - Atividade de ilustração	34
FIGURA 12 - Atividade de ilustração	34
FIGURA 13 - Atividade de ilustração	36
FIGURA 14 - Atividade de ilustração	36
FIGURA 15 - Atividade de ilustração	38
FIGURA 16 - Atividade de ilustração	38
FIGURA 17 - Atividade de ilustração	40
FIGURA 18 - Atividade de ilustração	40
FIGURA 19 - Atividade de ilustração	41
FIGURA 20 - Atividade de ilustração	41
FIGURA 21 - Atividade de ilustração	41
TABELA 1 - Relatório de atividade com livros ilustrados na Escola Engenheiro Guilherme Diniz	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. O PRIMEIRO CONTATO COM O UNIVERSO LITERÁRIO: O LIVRO INFANTIL ILUSTRADO	12
2. ORIGENS DO LIVRO INFANTIL	16
3. DEFINIÇÃO E BREVE HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO	20
3.1 A ilustração e o livro infantil	24
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4.1. Semanas 1 e 2 - Estudantes ainda em processo de Alfabetização	30
4.2. Semanas 3 e 4 – Estudantes já familiarizados com o alfabetismo verbal	33
4.3. Semanas 5 e 6 – Primeiras leituras	35
4.4. Semanas 7 e 8 – Leitores independentes	37
4.5. Semanas 9 e 10 – Estudantes assumindo protagonismo	39
5. RESULTADOS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Diante de uma enorme quantidade de livros hoje sendo publicados exclusivamente para o público infantil, existe um grande problema que infelizmente acaba por passar despercebido por editores, pais e professores: os livros elaborados para essa faixa etária podem não se encaixar naquilo que uma criança espera deles. É fato bastante comum que a criança não tenha a liberdade de escolher aquele exemplar que mais lhe agrade e com isso tenha que aceitar algo que lhe é indicado pela escola ou pelo gosto pessoal de seus pais ou professores. Tal fato pode gerar um efeito desagradável, pois se a criança se vê diante de uma obra literária cujo conteúdo não lhe desperta grande interesse, seu futuro como leitor pode acabar sendo comprometido por conta de experiências desestimulantes que poderiam ser facilmente evitadas se houvesse um estudo prévio para identificar, de fato, quais as preferências desses estudantes levando em consideração os contextos vivenciados pelos mesmos.

O presente trabalho visa compreender como a ilustração coopera para a compreensão leitora, pois a depender do nível de domínio da linguagem escrita, as imagens presentes no livro infantil podem significar um encantamento suficiente para garantir seu interesse pela obra literária mesmo em indivíduos que ainda estejam em fase de aprendizagem do alfabetismo verbal. Isso constitui um grande problema no Brasil, pois grande parte das editoras que trabalham com temas infantis são movidas principalmente por fins comerciais. Nesse contexto, as ilustrações muitas vezes podem não ser desenvolvidas por artistas com estilos indicados ao enredo do livro. Isso tende a comprometer bastante o nível das produções literárias, resultando em bons enredos com ilustrações que pouco contribuem para uma maior ênfase da ideia central da narrativa, contrastando com enredos que pouco contribuem para o bom desenvolvimento social de uma criança tendo um acabamento que vai atrair a atenção da criança por conta do apelo visual. A importância da análise das ilustrações para a compreensão leitora poderá auxiliar a preparação de livros com enredos que enfatizem sentimentos humanitários e com imagens que satisfaçam as expectativas das crianças.

Assim, este trabalho se justifica por analisar o perfil dos estudantes do ensino fundamental I por faixa etária e, conseqüentemente, por série escolar, o que

permitirá ter um melhor entendimento acerca do tipo de ilustração mais indicada para um determinado texto. Conhecer as preferências dos estudantes permitirá aos professores escolherem livros com imagens mais adequadas às suas reais expectativas, o que contribuirá para tornar a leitura mais agradável.

De acordo com uma determinada faixa etária, uma criança pode preferir ilustrações cujo visual remeta o mais próximo da realidade que o rodeia ou, por exemplo, dar preferência a desenhos cuja simplicidade na composição evidencie elementos separadamente, como em ilustrações onde o cenário é reduzido de forma que se apresente apenas com informações primordiais para o entendimento do leitor.

Segundo Joly (1996, p. 19):

[...] Exemplo disso são as silhuetas de homem reduzidas a dois círculos sobrepostos e a quatro traços para os membros, como nos desenhos primitivos de comunicação de que falamos e nos desenhos de crianças a partir de certa idade, isto é, depois de terem, precisamente, interiorizado o “esquema corporal”. Para os psicanalistas, a elaboração desse esquema corporal é feita por intermédio da imagem virtual de seu próprio corpo, que a criança capta no espelho e que constitui um “estágio” fundamental de sua elaboração psíquica e da formação de sua personalidade.

Nas palavras da autora, uma criança tende a formar um esquema mental que reúne traços visuais suficientes para reconhecer uma forma visual e essa imagem pode ser representada por alguns traços visuais mínimos.

Um leitor em formação ainda está em processo de descobertas e para este a apreciação de uma imagem repleta de informações pode parecer confusa e desinteressante. Nesse contexto, é comum uma criança de pouca idade preferir uma imagem onde apenas elementos que lhe são familiares sejam apresentados. Também é bastante comum a mesma preferir desenhos com contornos fortes, pois o contorno destaca um elemento. Além disso, a tendência a apreciar imagens que se apresentam de forma simbólica também é mais evidente entre crianças de pouca idade. Nesse contexto, uma boa escolha de livro ilustrado seria uma excelente forma de despertar o interesse num jovem leitor e, assim, possibilitar a ele uma excelente oportunidade de apreciar o universo literário a fim de que o mesmo possa vir a potencializar tal interesse e, com isso, garantir que experiências frustrantes não venham a interferir na formação educacional do mesmo.

No sentido de estimular a leitura através da ilustração, este trabalho buscou **analisar o grau de importância de uma ilustração para uma leitura de obra literária** para os estudantes e a partir de qual momento da vida estudantil uma imagem ilustrativa passa a exercer maior e menor importância no contexto literário. Levando em consideração o contexto social dos estudantes de bairros de periferia que, na maioria das vezes, não têm acesso a opções de informação e cultura de forma tão abrangente quanto um estudante oriundo de classe social menos desfavorecida economicamente, o trabalho teve como uma de suas metas analisar ilustrações que sejam atraentes para este grupo de estudantes em especial, visando buscar opções para que os mesmos possam se desenvolver de forma mais adequada ao que é indicado para uma determinada faixa etária independentemente de sua origem étnica, econômica e social.

Este trabalho tem como base o projeto de extensão Ciência em Arte e Prosa desenvolvido na Escola Municipal Engenheiro Guilherme Diniz na cidade de Recife, com alunos do ensino fundamental I. O projeto visou preencher uma lacuna existente no atual modelo educacional voltado para o Ensino Fundamental em que os estudantes oriundos de áreas carentes sentem dificuldade em se identificar com a literatura por não haver muito material disponível nas bibliotecas que os façam se sentirem entusiasmados pela leitura, visto que ainda é uma prática comum a muitas editoras dar preferência a histórias cujos protagonistas vivenciam realidades distantes daquelas vivenciadas por crianças de classes socioeconômicas menos favorecidas. Deduzimos que a criação de material literário ilustrado com um enredo que fizesse referência a determinadas áreas científicas e com uma linguagem que englobasse o ambiente comum a estudantes desta faixa etária teria grande chance de conquistar novos leitores e, conseqüentemente, introduzi-los ao universo das ciências. Desta forma, inserir rodas de leituras na escola, contação de histórias e discussão de temas evidenciaram ser ótimas estratégias para formar leitores. Nesse contexto, o projeto foi uma grande oportunidade para discussão de temas pouco tratados nas salas de aula, além de temáticas transversais como perseverança, mudanças e permanências entre outros temas.

Em seus objetivos, o projeto pretendeu promover a fruição da literatura infantojuvenil a partir de textos literários que abrangessem conhecimentos de áreas diversas como biologia, ecologia, entre outros; ampliar conhecimentos de dadas

áreas da ciência a partir da leitura de livros literários; ampliar competência leitora e desenvolver gosto pela ilustração e divulgação de textos.

Como forma de avaliação, cada estudante participante do projeto criou representações visuais sem que houvesse qualquer interferência durante essa etapa. Espera-se que essa total liberdade de criação dos estudantes permita que os mesmos busquem representar aquilo que mais lhe interessam visualmente.

Dessa forma, a primeira seção deste trabalho discutirá a importância do livro infantil ilustrado para a formação de novos leitores, bem como a falta de empenho por parte da comunidade acadêmica que durante muito tempo relegou a literatura infantil a uma categoria literária inferior.

Em seguida, abordar-se-á a trajetória do livro infantil desde o surgimento, quando o conceito de infância ainda era pouco explorado e não havia distinção entre crianças e adultos. Nesse contexto, será enfatizada a trajetória do livro infantil ilustrado acompanhando todo o processo histórico e social no qual esse tipo de literatura ganhou ênfase, impulso mercadológico e importância cultural.

Por fim, será apresentado o resultado de uma intervenção na Escola Municipal Engenheiro Guilherme Diniz, cujos estudantes se encontram nas faixas etárias às quais a grande maioria dos livros ilustrados é destinada.

1 O PRIMEIRO CONTATO COM O UNIVERSO LITERÁRIO: O LIVRO INFANTIL ILUSTRADO

"Alice começava a sentir-se muito cansada, por estar sentada no banco, ao lado da irmã, e por não ter nada que fazer. Mais do que uma vez espreitava para o livro que a irmã estava a ler, mas este não tinha gravuras nem conversas ... E para que serve um livro que não tem gravuras nem conversas?", pensou Alice."

*Lewis Carroll,
"Alice no país das maravilhas"*

Figura 1 – Ilustração para o projeto *Ciência em Arte e Prosa*



Fonte: Eduardo Oliveira/2018

Nem todas as pessoas se interessam por poesia, contos, novelas, romances, fantasia, ficção científica ou livros acadêmicos, mas fato raro é encontrar um indivíduo que não recorde de algum livro que tenha lido na infância, cujas imagens ficaram em sua memória mesmo depois de décadas. No entanto, mesmo hoje, com uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos enfatizando a importância da literatura infantil, ainda há grande descuido por grande parte da sociedade em compreender a real importância do livro infantil. Como afirma Faria (2004, p.11),

Um médico pediatra, um psicólogo ou um psicanalista especializados em crianças têm um status elevado na sociedade. Já o professor que se ocupa de literatura infanto-juvenil, não, em particular nas academias beletristas e nas Faculdades de Letras. Logo estas que, em princípio, devem formar os professores no trabalho com crianças e adolescentes.

A negligência quanto à importância do livro ilustrado não é exclusividade brasileira ou de países tidos como emergentes, pois mesmo em países desenvolvidos do hemisfério norte há uma forte crítica ao fato dos acadêmicos se debruçarem em gêneros literários diversos, mas ainda considerarem o livro produzido para o público mais jovem como de qualidade inferior. Como afirma Hunt (2010, p. 165),

Diante dessa diferença no modo de ler tanto o livro com ilustração como o livro ilustrado, a crítica e a teoria têm sido muito limitadas, tendendo a recorrer a chavões figurativos. Como observou a ilustradora Celia Berridge, “o verdadeiro motivo de os livros ilustrados obterem tratamento tão sintético nas resenhas não é por serem considerados deficientes a partir de uma avaliação séria, mas por serem todos considerados a parte menos importante do universo do livro”. Como também notou um resenhista norte-americano, a desvalorização do livro-ilustrado resulta da simplicidade da linguagem; pois grande parte da complexidade, como o uso da metáfora, por exemplo, é expressa pelos elementos visuais: o tamanho e o formato do livro, a espessura do papel, as fontes [...].

O livro infantil geralmente conta com grande quantidade de imagens que se interrelacionam com textos escritos em linguagem geralmente simples e direta. Nesse contexto, a ilustração pode ter papel muito importante para a compreensão da história ou pode ter papel meramente decorativo ou informativo. De acordo com Hunt (2010, p. 165),

A literatura infantil toma emprestadas características de todos os gêneros. Mas existe um gênero para o qual ela tem contribuído: o livro ilustrado, que é distinto do livro com ilustração. Essa distinção é, em grande parte, organizacional. Porém, se lembrarmos que a ilustração altera o modo como lemos o texto verbal, isso se aplica ainda mais ao livro ilustrado.

No livro ilustrado, as imagens podem assumir um contexto metafórico; complementando, enfatizando ou expandindo a narrativa a um nível que o texto em si não consegue alcançar sem utilizar uma linguagem mais rebuscada. No livro com ilustração, por outro lado, as imagens estão lá para tornar a compreensão do texto mais clara. É o que acontece, por exemplo, nos livros didáticos ou nos manuais técnicos. No entanto, mesmo no universo literário, o livro com ilustração pode

exercer grande fascínio. Um bom exemplo disso ocorreu com as primeiras publicações de *Alice no País das Maravilhas*, livro que, por conter um texto tão complexo que beirava ao surrealismo, teve maior aceitação graças às ilustrações meramente informativas que facilitavam a compreensão do complexo mundo que se apresentava ao leitor em ambos os livros. Percebe-se, então, que a função do ilustrador vai muito além do que se imagina: ele assume o papel de co-autor.

Apesar da importância da ilustração na formação de um jovem leitor, há certa tendência em não se valorizar as imagens com a mesma ênfase que ocorre com o texto escrito. Nesse contexto, o autor costuma ter seu currículo friamente analisado pelos editores, pois não basta apenas a qualidade do texto; o autor tem que ter uma boa bagagem para ser exibida na contracapa do livro. O ilustrador, por outro lado, na maioria das vezes não possui conhecimentos na área pedagógica e geralmente aprendeu a ilustrar em cursos livres, técnicos ou de forma autodidata. Assim, como o trabalho de ilustração é definido pela própria editora, é comum o autor se deparar com um resultado visual diferente do que imaginava, pois as editoras tendem a enfrentar um problema bastante comum: à medida que um determinado ilustrador se torna conhecido no mercado, os valores cobrados por seus trabalhos sobem consideravelmente, o que inviabiliza que uma editora modesta possa contratar seus serviços e, nesse contexto, a mesma tem que buscar no mercado alguém possa produzir ilustrações de acordo com o orçamento disponibilizado pela editora, o que pode acarretar na contratação dos serviços de um ilustrador cujo estilo não seja adequado à obra. Por conta dessa visão mercantilista, muitas vezes o livro que vai para as livrarias fica bastante aquém do que poderia ser e a economia feita na produção, ironicamente, acaba refletindo negativamente nas vendas dos exemplares. Como alternativa para remediar esse desinteresse por parte de vários setores da sociedade em relação aos livros ilustrados, a designer Júlia Lima L. Carvalho (2016, p. 16) propôs utilizar obras de Cândido Portinari como inspiração para criar livros infantis e obteve bons resultados:

A intenção com esses elementos seria criar uma superfície mais familiar e clara de contato entre a criança e a pintura. As cores chapadas e a textura são objetivas e criam uma relação com os temas representados por Portinari, idealmente sem criar confusão entre um e outro. Independente de qualificar se essas intervenções como ilustração ou como projeto gráfico, o fato é que são uma decisão de projeto, pensada justamente com o leitor em mente. A ilustração, no caso em questão, mediará não somente o entendimento do texto, como a própria interpretação que se pode ter

das obras do pintor, independente do texto verbal. Certamente o olhar antecede o verbo e a criança não faz a separação entre forma e conteúdo que talvez, no final, não exista mesmo. De qualquer forma, a criança é capaz de formar uma relação com o livro independente do que ele contém. Se é o ilustrador que cria a imagem, ela só se concretiza e existe de fato através do olhar desse pequeno leitor. E isso ocorre de forma afetiva passando por tudo que ele já viu e pelo o que ele espera ver ali.

Nas palavras da autora, a ilustração pode assumir o protagonismo em um livro, contrapondo-se à idéia de que a imagem é uma “muleta” que está presente em uma publicação como uma forma de transmitir uma idéia até que a criança tenha total discernimento para ler o texto escrito com propriedade.

Desde sempre a humanidade se utiliza do alfabeto visual para transmitir mensagens que geralmente surtem grande efeito. A criança, enquanto ainda não dominante da sintaxe e com pouca vivência no mundo, tende a dar maior importância ao visual. Nesse contexto, como afirma Marques (2009),

A criança desde muito cedo é um "homo imageticus". Ela começa por ver imagens, antes mesmo de se exprimir verbalmente. Ela vive num universo em que a imagem está onipresente e é dotada de uma carga atrativa tão forte, tão interpelante, tão apelativa, que a leitura pictórica antecede logicamente a leitura verbal. É que a imagem fala, significa, e é ponto de partida para o imaginário. Na verdade, a criança (e o adulto também) capta a ilustração num ápice, mas a sua capacidade de retenção é de longe superior. Ela esvai-se lentamente. Ela atrai o olhar durante décimos de segundo, mas permanece retida durante alguns segundos.

Para a criança, dotada da mais aguçada curiosidade, a informação visual tem um peso enorme para seu desenvolvimento. Nesse contexto, é de extrema importância que a mesma tenha acesso a materiais que a auxiliem a enveredar através de uma rota livre de preconceitos e onde haja muitas referências que a auxiliem a visualizar informações que lhe permitam se desenvolver de forma sustentável de maneira que venha a se tornar um ser social ciente do seu lugar perante seus semelhantes e o mundo. Fazer com que a sociedade compreenda a importância da ilustração infanto-juvenil é de vital importância, pois o futuro sempre pertencerá aos mais jovens.

2 ORIGENS DO LIVRO INFANTIL

Compreendendo o ramo da literatura dedicado principalmente às crianças e pré-adolescentes, o livro infantil aborda temáticas variadas nas quais se destacam a ficção, a fábula, o folclore, a poesia e a difusão de conhecimentos específicos em formato paradidático. Por abranger uma faixa de leitores bastante heterogênea, o livro infantil apresenta características que variam de acordo com a idade do leitor a quem o material se destina: pode, por exemplo, apresentar pouco texto e muitas ilustrações coloridas quando produzido voltado a um público de dois a quatro anos ou pode apresentar apenas texto quando se trata de um leitor pré-adolescente com bom domínio da leitura verbal.

Os enredos dos livros infantis costumam apresentar algumas similaridades, embora sempre haja exceções à regra:

- Geralmente têm um número reduzido de páginas em relação aos livros voltados para o público adulto;
- Grande presença de elementos visuais como a ilustração;
- A narrativa busca ser simples e clara, para melhor compreensão das crianças;
- Possuem, quase sempre, uma lição de moral, na qual valores são transmitidos ao longo das histórias;
- Crianças e animais costumam assumir o papel de protagonista;
- Geralmente possuem um final feliz;
- Os enredos possuem muito diálogo entre os personagens e há pouca descrição de elementos da história, pois isso geralmente é apresentado nas ilustrações.

Apesar de se utilizarem de elementos milenares como a fábula e o conto de fadas, o livro infantil oficialmente surgiu no século XVII, quando o poeta e advogado Charles Perrault (1628-1703) publicou, em 1697, o livro *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, que ficou popularmente conhecido como *Contos da Mamãe Gansa*. O livro, escrito em francês e numa linguagem simples, seguia uma linha mais moderna para os padrões da época e que visava tornar a língua francesa como a oficial de ensino, em contraposição ao latim. Perrault selecionou oito histórias de tradição oral e origem geralmente celta que eram contadas na Europa há séculos e as compilou numa coletânea que tinha por finalidade a

formação moral dos jovens franceses. As histórias selecionadas foram: *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. Esse trabalho, produzido já no fim da vida do autor que tinha dedicado sua vida ao ofício de advocacia principalmente para o rei Luis XIV, acabou por lhe render o título de Pai da Literatura Infantil.

É importante frisar que no século XVII, as crianças não conviviam de forma diferenciada em relação aos adultos. Não existia, portanto, um universo puramente infantil. Nesse contexto, não se escrevia para crianças. Segundo Zilberman (1985 apud SILVA, 2009, p. 138),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Nesse contexto, embora escritores contemporâneos a Perrault também produzissem fábulas, como La Fontaine (1621-1695) e Fenélon (1651-1715), foi com *Contos da Mamãe Gansa* que o universo literário teve sua primeira adaptação para um formato mais suavizado, retirando certas passagens obscenas e elementos de canibalismo, embora ainda conservasse, em sua essência, elementos que séculos depois seriam considerados inapropriados para o público infantil. Para as crianças da época, no entanto, *Contos da Mamãe Gansa* foi reimpresso várias vezes e suas narrativas fazem sucesso até os dias de hoje, como é o caso de *O Pequeno Polegar*,

Eles eram paupérrimos, e os seus sete filhos os incomodavam muito, porque nenhum deles podia ainda ganhar a vida. O que os entristecia ainda mais era o fato de o caçula ser muito delicado e de não dizer palavra: tomavam por retardamento mental o que era bondade da alma. Tinha estatura muito pequenina, e quando veio ao mundo, não era maior do que um polegar, por isso o chamaram de Pequeno Polegar. (PERRAULT, p. 149, 2004 apud SOUZA, p. 24, 2014)

No século XIX, o contexto social europeu era regido pelos ideais do Romantismo, que enfatizava o nacionalismo, o folclore regional e a fantasia. Visando produzir um material dedicado a engrandecer a cultura alemã, os irmãos Jacob

(1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, após vários anos de pesquisa nos quais se dedicaram a reunir dezenas de tradições orais com o intuito de manter para a posteridade vários contos do folclore, compilaram todo o material e editaram numa linguagem mais voltada para os padrões cristãos, embora muitos elementos das religiões antigas ainda estivessem presentes. Assim, em 1812 é publicado *Contos de Grimm*, reunindo 85 histórias. Nesse contexto, os contos direcionados às crianças foram modificados de forma a se apresentarem de maneira menos grotesca, pois nas tradições antigas era notória a presença da violência, referências sexuais e requintes de crueldade. No conto Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, a figura do caçador que salva a menina não existia; na versão de Perrault ela se deita nua ao lado do lobo e depois é devorada. Além de Chapeuzinho Vermelho, histórias como A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, A Gata Borralheira, O Ganso de Ouro, Os Sete Corvos, Os Músicos de Bremen, A Guardadora de Gansos, Joãozinho e Maria, O Pequeno Polegar, As Três Fiandeiras e O Príncipe Sapo também ganharam versões com algumas diferenças em relação àquelas que eram contadas ao longo dos séculos. *Contos de Grimm* teve várias reimpressões, nas quais muitas histórias foram sofrendo adaptações para que se tornassem mais adequadas ao público infantil. Além disso, a cada edição, novas histórias eram acrescentadas e todas ricamente ilustradas. Mata e Mata (p. 7, 2006) afirmam que,

Os contos populares foram não apenas traduzidos dos diferentes dialetos para o “alto alemão” (*Hochdeutsch*). Eles passaram também por um processo de depuração moral. Somente depois desta dupla tradução, por assim dizer, tornaram-se clássicos da literatura mundial.

No século XIX, o dinamarquês Hans Christian Andersen iria dar o toque final ao que viria a ser considerada a receita dos livros infantis a partir de então: seus contos tinham um viés humanitário e mazelas da humanidade eram apresentadas ao leitor evidenciando a necessidade de uma mudança de pensamento da sociedade. Uma de suas histórias mais famosas, *A Pequena Vendedora de Fósforos*, mostra um final triste, porém bastante comum naqueles tempos: a protagonista morre de frio. A partir de Andersen, a literatura infantil passaria a ser voltada para ideais de justiça e igualdade.

O rasgo da genialidade viria com Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*. Através desses dois livros, os enredos

passaram a abordar conflitos e aprendizados: dois elementos comuns na vida de qualquer criança. No caso de Alice, a atmosfera surreal na qual a personagem se encontra dá um toque de mistério, opressão, alegria e curiosidade. Lewis Carroll conseguiu sintetizar o maravilhoso mundo das crianças em forma de palavras que viriam encantar o imaginário de pessoas de todas as idades desde então.

É evidente que o livro infantil, tal como quaisquer outras manifestações literárias e artísticas, sempre esteve fortemente ligado com os contextos sociais e históricos de cada época. Hunt (2010, p. 30) afirma que,

Do ponto de vista histórico, os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita. Em termos literários convencionais, há entre eles textos “clássicos”; em termos de cultura popular, encontramos **best-sellers** mundiais, como a série Harry Potter, e títulos transmitidos por herança de famílias e culturas locais. Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som.

Mesmo hoje, em plena era digital, os livros infantis continuam seguindo a fórmula que os consagrou: produzidos em papel, com acabamento repleto de cores vibrantes e muitas ilustrações. Grande parte dos best-sellers mundiais são voltados ao público infantil e edições tidas como clássicas continuam encantando uma geração que já nasce familiarizada com a tecnologia digital da mesma maneira que encantavam os filhos dos camponeses que se juntavam aos pés de seus pais para ouvir histórias de reinos distantes.

3 DEFINIÇÃO E BREVE HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO

Ilustração é uma imagem utilizada para dar ênfase, acompanhar, explicar, interpretar, acrescentar informação, sintetizar ou ainda decorar um texto. É um processo ligado à impressão e publicação de livros e pode ser produzido com variadas técnicas, sendo o desenho, a pintura, a colagem e a fotografia os mais comuns atualmente. Surgiu no século XV, quando as xilogravuras passaram a ser utilizadas na produção de livros na Europa. Segundo Harthan (1981, 9. 8), “A ilustração surge como tal nas iluminuras da idade Média.”

Figura 2 - Xilogravuras demonstrando o processo de produção da xilogravura



Fonte – Wikimedia Foundation

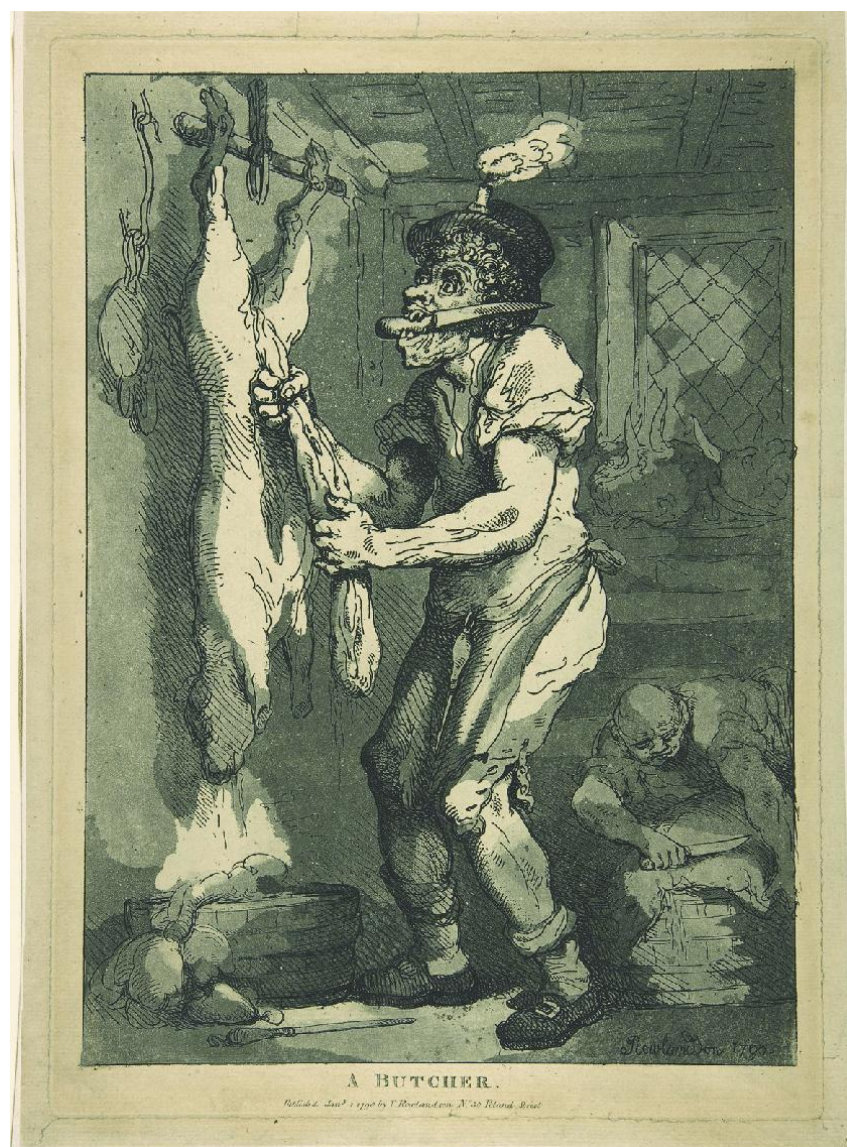
A xilogravura é uma técnica na qual uma tábua de madeira recebe entalhes de forma que resulte uma imagem de alto relevo. Em seguida é aplicada tinta sobre a parte onde se deseja que haja cor e, por último, a tábua é pressionada contra um papel com o auxílio de uma prensa. Embora tenha se popularizado graças à imprensa criada por Gutenberg, a xilogravura já era utilizada desde o século anterior. Segundo Costella (2003, p. 12),

Na Borgonha, próximo a Dijon, França, foi encontrado um fragmento de uma matriz xilográfica que é considerada mais antiga da Europa.

Sua data, segundo se presume, situa-se entre 1370 e 1380. Retrata, sem dúvidas, a crucificação de Cristo, embora na parte encontrada, seja visto, na madeira apenas o entalhe de um braço da cruz, três soldados trajados à moda medieval e um texto em latim. A legenda latina não deixa dúvidas a respeito da cena. Traduzida, informa: “este era o verdadeiro filho de Deus”.

Nos séculos seguintes surgiu a gravura em metal cuja matéria prima utilizada para a produção do molde artesanal poderia ser cobre, zinco, latão ou alumínio. Esse tipo de técnica permitia uma maior durabilidade da placa, bem como um melhor acabamento. As técnicas de impressão recebem os nomes de água-forte, água-tinta e ponta seca.

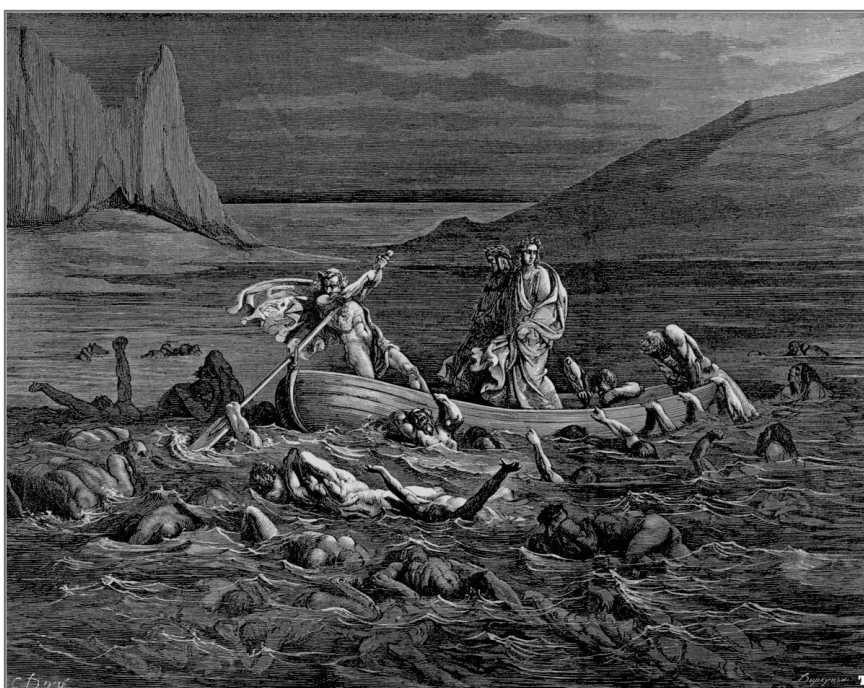
Figura 3 - Açougueiro



Fonte: Metropolitan Museum of Art

Em 1796, o austro-alemão Alois Senefelder descobriu uma nova possibilidade de impressão que iria dar grande beleza às ilustrações: a litografia. A técnica que era baseada no princípio de que água e gordura não se misturam. Assim, lápis gordurosos eram utilizados para criar figuras em chapas de calcário. De início, a litografia utilizava prensas cujo resultado produzia um material rico em detalhes e de grande beleza estética. Com o tempo, porém, novas técnicas desenvolvidas durante o período da Revolução Industrial iriam resultar em uma grande inovação no mercado literário.

Figura 4 – Travessia do Rio Estige – A Divina Comédia



Fonte: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br>

A partir do século XIX, inovações com a impressão litográfica iriam permitir melhores resultados: prensas foram substituídas por cilindros e isso serviria de base para a implementação da impressão off-set décadas depois. Com essa nova técnica, as impressões em larga escala tornaram-se possíveis, o que barateou o custo do livro e permitia que os trabalhos de ilustrações pudessem ser feitos à mão livre, utilizando lápis, caneta, pincéis e tinta. Nesse contexto, a produção de livros coloridos cresceu vertiginosamente, o que demandava boa quantidade de trabalho para os ilustradores. Logo, novos estilos e técnicas iriam dar a cor e o tom das novas publicações e isso iria favorecer o mercado editorial de tal forma que muitos

artistas que trabalhavam com publicidade e caricaturas passaram a se dedicar quase exclusivamente à ilustração. Dondis (2007, p. 203) afirma que: “Apesar de toda sua habilidade, o ilustrador em geral não é pretensioso, e às vezes, como no caso de Norman Rockwell, não tem o menor interesse em ser chamado de artista.”.

3. 1 A ilustração e o livro infantil

Graças às inovações ocorridas nas técnicas de impressão, muitos periódicos passaram a fazer parte do cotidiano dos cidadãos. Gravuristas como John Leech, George Cruikshank, Hablot Knight Browne, Honoré Daumier, Gustave Doré, George Dalziel, Edward Daziel, George du Maurier e John Tenniel passaram a trabalhar na criação de imagens que complementassem os textos de grandes nomes como Lewis Carroll e Charles Dickens, além de várias adaptações de contos de fadas.

Figura 5 – Festa do chá do Chapeleiro Louco – Alice no País das Maravilhas



Fonte: <https://www.timeanddate.com>

Grande parte desses artistas era formada na Academia de Belas Artes e trabalhavam como caricaturistas de periódicos de cunho satírico. O estilo exagerado nas proporções dos desenhos exibia aquilo que era mais buscado numa ilustração infantil: a capacidade de criar deformações nas figuras e ao mesmo tempo preservar uma aparência encantadora. Assim, uma mesma história podia ser ilustrada por artistas diferentes para induzir os leitores a comprarem novamente o livro. Foi o que

aconteceu, por exemplo, com o livro *Alice no País das Maravilhas*, que inicialmente foi ilustrado pelo próprio Lewis Carroll e depois ganhou uma nova versão de John Tenniel. Histórias como *Cinderela* e *o Gato de Botas* também ganharam novas versões e chama bastante atenção a arte de Gustave Doré, sem dúvida, o maior nome da ilustração francesa do século XIX.

Figura 6: O Gato de Botas



Fonte: Wikimedia Foundation

A revolução industrial tinha criado um excelente cenário para a popularização dos livros infantis: a população aumentava consideravelmente, as inovações tecnológicas permitiam produções cada vez mais rápidas e a possibilidade de trabalhar com imagens coloridas tornavam as edições cada vez mais atrativas para o mercado formado por crianças e seus pais. Nesse contexto, entre meados do século XIX e idos do século XX, eis que surge a “era de ouro” dos livros infantis. Se antes os profissionais que se dedicavam à ilustração eram polivalentes, a partir desse momento surgiriam escritores e artistas que se dedicavam exclusivamente à literatura infantil. Nesse contexto, os artistas e escritores estadunidenses assumiriam grande protagonismo na produção de novas histórias.

Como grande palco das inovações tecnológicas e centro de desenfreada expansão econômica, nos Estados Unidos o público infantil era considerado um grande mercado a ser explorado e isso rendeu grandes dividendos para editoras que publicavam histórias de temáticas variadas, como contos de fadas, fábulas, aventuras de cavalaria, narrativas sobre piratas, contos de terror, lendas do folclore e textos de cunho moral. Muitos dos ilustradores que viriam a atuar nesse mercado cresceram lendo os belíssimos exemplares ilustrados por Gustave Doré e seus contemporâneos. Foi o caso de Jessie Wilcox Smith, uma das mulheres pioneiras no ramo da ilustração que deixou uma produção riquíssima cuja maior parte do acervo é composto por ilustrações voltadas para o público infantil.

Figura 7 - A Child's Garden of Verses



Fonte: Wikimedia Foudation

Outros grandes expoentes do período foram N.C. Wyeth, Howard Pyle, J. C. Leyendecker, Maxfield Parrish, James Montgomery Flagg e John Rea Neill. A grande maioria deixou um grande número de desenhos voltados para duas grandes paixões da juventude da época: história de piratas e contos de cavalaria. Um dos clássicos da literatura que mais recebeu edições foi A Ilha do Tesouro, de Robert Louis Stevenson. Muita dessa ligação da juventude estadunidense com as histórias de piratas se deu por conta de personalidades históricas famosas como Barba Negra, Charles Vane e outros bucaneiros que saqueavam os mares do Caribe.

Figura 8 – One more step, Mr. Hands – A Ilha do Tesouro



Fonte: Wikimedia Foundation

A partir daí, a literatura infantil iria tomar proporções mundiais e os antigos contos nascidos no Velho Mundo juntamente com as novas histórias que eram produzidas em larga Escala nos Estados Unidos passariam a ser traduzidos e chegar em diversos continentes, influenciando também novas produções em centenas de línguas. No Brasil, Monteiro Lobato foi o pioneiro na produção de literatura infantil com seus personagens Pedrinho e Narizinho, que conviviam num sítio com várias figuras do folclore brasileiro, como a Cuca e o Saci.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base em um projeto de extensão desenvolvido junto à Escola Municipal Engenheiro Guilherme Diniz, situada na região metropolitana do Recife e que atende aos ciclos de Ensino Fundamental I e EJA, foram obtidos dados relevantes acerca das expectativas de estudantes com faixa etária dos quatro aos doze anos com relação à presença de ilustrações em textos literários. O projeto teve grande aceitação pela direção, pois contemplava a temática estabelecida pela prefeitura da cidade do Recife para o ano letivo de 2018: *Ler para sonhar, escrever para criar*. Nesse contexto, o trabalho também abordaria a prática da literatura e escrita, cujas professoras, assistentes, bibliotecária, coordenadora e diretoras colaboraram ativamente para o desenvolvimento das atividades. Ao todo, dezessete profissionais deram todo o suporte para que o trabalho pudesse ser realizado.

Compreendendo desde crianças de quatro anos que ainda estavam descobrindo o mundo da alfabetização verbal até estudantes prestes a concluir o Ensino Fundamental 1, o desenvolvimento do projeto abordou grande parte das faixas etárias às quais são destinados os livros ilustrados. No total foram dez turmas analisadas num trabalho com duração total de três meses.

A proposta do projeto foi analisar o perfil dos estudantes oriundos da periferia a fim de buscar indícios sobre suas preferências pessoais, com o intuito de analisar as características visuais das ilustrações que mais lhes despertam interesse. O processo de análise foi qualitativo.

Para desenvolvimento das atividades, ficou acordado com a direção da escola que seria abordada uma turma por semana. Nesse contexto a variação de idades dos estudantes permitiu uma pesquisa bastante diversificada por conta da grande variedade de peculiaridades apresentadas por turma e também individualmente. Assim, durante quatro dias da semana, as atividades desenvolvidas numa sala contemplariam,

Segunda-feira – Contação de histórias em frente à classe com os estudantes tendo os livros em mãos e acompanhando a leitura verbal e visual em suas carteiras escolares;

Terça-feira – Contação de histórias com os estudantes sentados ao meu redor acompanhando a leitura apenas com o exemplar que eu tinha em mãos;

Quarta-feira – Criação de uma nova história inspirada em algum dos enredos narrados nos dias anteriores;

Quinta-feira – Ilustração da história criada no dia anterior pelos próprios estudantes.

4.1. Semanas 1 e 2 - Estudantes ainda em processo de alfabetização

Definidas as datas, as primeiras turmas atendidas compreendiam estudantes da Educação Infantil com quatro e cinco anos de idade. Quarenta e oito estudantes que ainda estavam se familiarizando com números e letras do alfabeto receberam os livros para acompanhar a leitura. Com os exemplares em mãos, porém, os pequenos passaram a tratar os livros como se fossem brinquedos e chamou atenção logo de início o fato de alguns deles observarem as imagens de forma invertida. Além disso, houve aqueles se arriscaram a contar ao colega do lado o que acontecia em uma determinada cena ilustrada segundo suas observações. Ficou evidente que a maioria não via o livro como uma história linear e sequenciada, mas como um conjunto de imagens com significados independentes.

Segundo Oliveira (2005, p. 58),

A criança – leitor típico dessa modalidade de literatura – tende a ter um universo menor que o adulto que a produz, “com limites de léxico, de sintaxe e de visão de mundo”, o que reduz a margem de manobra do autor, aumentando o seu desafio.

Nas palavras da autora, o escritor de livros infantis se depara com uma particularidade ao desenvolver uma história: como o público ao qual sua publicação se destina ainda está “verde”, o mesmo terá que trabalhar com o fato de que uma criança se encontra em pleno período de formação e, portanto, a maioria delas terá maior facilidade em lidar com temáticas mais simples, escritas numa linguagem que não remeta a termos comuns da norma culta.

Durante a atividade do primeiro dia, houve um aparente desinteresse dos estudantes pelo acompanhamento da leitura. Isso provavelmente ocorreu porque mesmo com os exemplares em mãos a maioria não se deu ao trabalho de folhear o livro visando criar uma correspondência entre a história que estava sendo narrada e as ilustrações que se apresentavam. Houve ainda casos inversos: alguns mantiveram seu olhar tão fixo nas ilustrações que não acompanharam a história com atenção. Esse primeiro momento, que aparentemente não surtiu o efeito desejado, contrastou bastante com o que ocorreria no segundo dia.

Na terça-feira, a mediação seguiria nos moldes tradicionais: o contador de histórias sentado e rodeado dos ouvintes. Dessa vez, os livros só seriam entregues no final da leitura e os estudantes acompanhariam a história e exibição das ilustrações com o auxílio de um único exemplar. O resultado se mostrou bem sucedido: a atenção dos pequenos estudantes era grande tanto no momento em que ouviam a narrativa quanto quando observavam atentamente as ilustrações. Assim, ao contrário do dia anterior, os questionamentos foram bons e a análise das imagens foi feita com grande atenção. Ao final da leitura, no entanto, quando cada um recebeu seu exemplar, foi constatado que alguns deles ainda observavam as imagens de maneira invertida, mesmo depois das mesmas terem sido exibidas na posição correta. A idéia de associar um livro a um brinquedo mostrou ser bastante provável entre os estudantes de quatro e cinco anos.

Na quarta-feira o momento foi de exercitar a criatividade e descobrir novos narradores. Nesse momento, a presença das professoras foi fundamental para o desenvolvimento da atividade. Levando em conta que o público infantil tende a preferir textos narrativos de cunho fictício, foram analisados enredos populares entre eles tanto no universo literário quanto no cinematográfico, enfatizando as características comuns entre eles. Em seguida, cada uma das duas turmas criou uma história em conjunto, participando de todos os processos criativos: personagens, cenários e enredo. Tudo devidamente registrado pelas professoras para que a história pudesse ser anexada ao relatório que a escola iria desenvolver e também para servir de base para a atividade a ser realizada no dia seguinte.

Na quinta-feira, o último dia de atividades seria reservado às ilustrações criadas no dia anterior. Essa atividade, ao contrário das realizadas nos primeiros dias, seria individual e não haveria qualquer instrução para desenvolvimento dos desenhos, ou seja, o estudante teria total liberdade para desenhar a história como bem entendesse. A idéia era analisar qual a visão que cada um tinha em relação às histórias que eles próprios ajudaram a criar. Chama atenção a representação icônica que cada um deles criou para desenhar personagens humanos, pois embora as proporções variassem muito de um desenho para outro, as imagens representativas de seres humanos tendiam a seguir um modelo inspirado na realidade, ou seja, sempre contendo um tronco, cabeça, dois braços e duas pernas. No entanto, percebeu-se uma boa quantidade de imagens que remetiam a formas quase

abstratas que os próprios estudantes que as criaram não puderam descrever o que se apresentava ali.

Figuras 9 e 10 – Atividades de ilustração



Fonte: Trabalhos de estudantes dos ciclos 4 e 5 da Escola Engenheiro Guilherme Diniz

4.2. Semanas 3 e 4 – Estudantes já familiarizados com o alfabetismo verbal

Diante de duas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental 1 - compostas por quarenta e seis estudantes já conhecedores de números, algarismos, sílabas e realizando as primeiras leituras – os textos verbais começariam a chamar atenção e nesse contexto seria bastante interessante observar a interação dos pequenos com relação a um livro infantil ilustrado.

No primeiro dia de atividade, uma novidade se apresentava em relação às turmas anteriores: não foram observados estudantes segurando livros em posição invertida ou folheando o material aleatoriamente. No entanto, era evidente a sensação de encanto que cada um apresentava diante do material. Durante a leitura, percebeu-se que a maioria dos estudantes acompanhava a narrativa com bastante atenção e consultava as imagens à medida que a história seguia seu curso. Sem dúvida a familiarização com textos verbais contribuiu bastante para o bom resultado do primeiro dia, porém cabe ressaltar que a utilização de livros ilustrados em página dupla gerou grande apreciação na leitura.

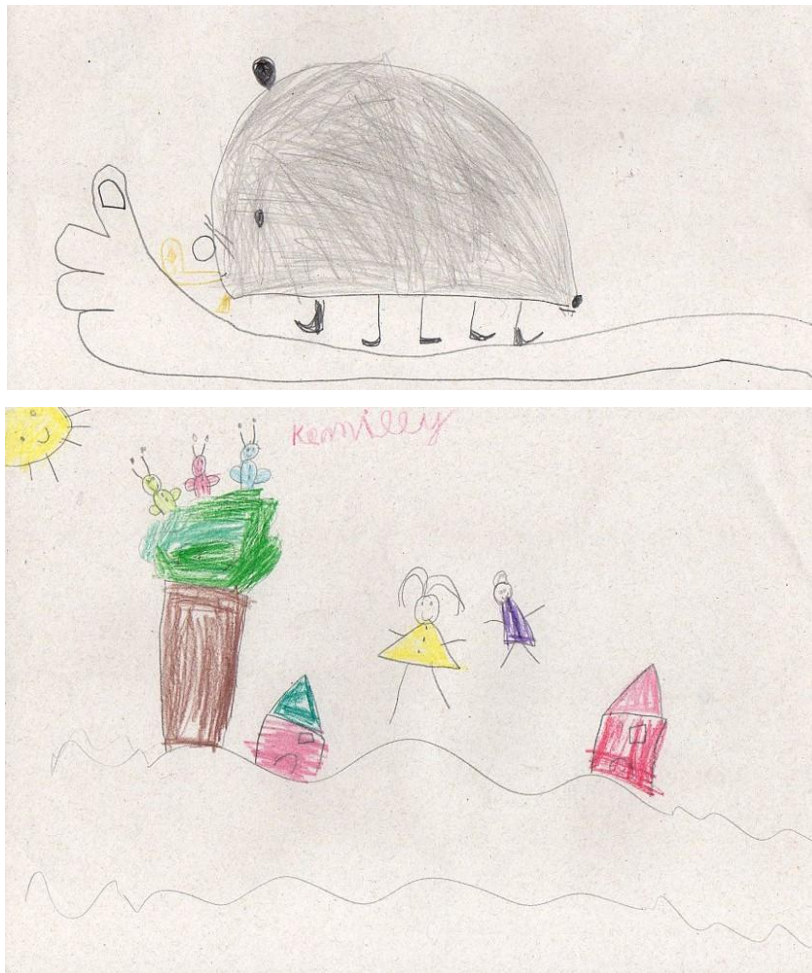
No dia seguinte, durante a contação da história com os estudantes sentados ao redor do autor, houve uma mudança em relação às turmas anteriores: os questionamentos se tornaram mais frequentes e começaram a surgir as primeiras narrativas pessoais ditas pelos estudantes que faziam referência a elementos da história. Nesse contexto, chama atenção a importância da identificação visual dos estudantes com o contexto literário, pois as ilustrações do livro em questão remetiam a elementos comuns mesmo em comunidades pobres.

No terceiro dia, percebeu-se algo inusitado: ambas as turmas criaram histórias que remetiam a fábulas. Para uma criança, é algo bastante natural imaginar um animal que possa falar, porém é também bastante evidente a tendência dos pequenos torná-los como seres dotados de atitudes tipicamente humanas, como egoísmo, bondade, alegria ou altruísmo. Na primeira turma, a história criada por eles fala de papagaio que acaba se assustando quando pede para um macaco abrir sua mão e descobre que lá estava um ratinho. Na segunda turma, a história criada gira em torno de um grilo que faz uma inusitada amizade com um besouro ranzinza. Observa-se a evidente preocupação dos estudantes com questões como empatia e companheirismo sem abrir mão de elementos que tornam uma história atraente e divertida. Ficou evidente que a visão dos profissionais da escola influencia muito

positivamente no cotidiano escolar. As professoras dessas turmas também se encarregaram de escrever as histórias.

No último dia, um pequeno empecilho acabou influenciando na atividade: por conta de fortes chuvas ocorridas no estado, poucos estudantes foram à aula. No entanto, o resultado obtido foi bastante satisfatório, pois evidenciou mudanças nas composições dos desenhos com relação aos estudantes das séries anteriores. Nesse contexto, nenhum desenho abstrato foi criado e representações de cenários passaram a surgir. Percebeu-se um maior trabalho nas expressões faciais dos personagens, que por sinal ainda eram representados como ícones em sua maioria. Perceberam-se também algumas inovações, como no desenho em que os personagens principais deram lugar a um close na imagem do ratinho.

Figuras 11 e 12 – Atividades de ilustração



Fonte: Trabalhos de estudantes dos primeiros anos
da Escola Engenheiro Guilherme Diniz

4.3. Semanas 5 e 6 – Primeiras leituras

A faixa que compreendia vinte e cinco estudantes do segundo ano e vinte e três do terceiro tinha uma particularidade: a presença de um autor gerou um efeito bastante positivo entre os mesmos. Além disso, em ambas as turmas havia estudantes que apresentavam problemas de cognição e necessitavam de um acompanhamento especial por parte de assistentes.

A leitura do primeiro dia teve efeitos bastante positivos porque grande parte dos estudantes já podia acompanhar a narrativa. Por conta desse fato, os livros selecionados para serem trabalhados remetiam a temas que continham elementos didáticos que despertaram bons questionamentos por parte dos estudantes. Nesse contexto, temas importantes ganharam corpo, como a origem étnica e cultural de nossa sociedade e o quanto nossa história influenciou a sociedade em que vivemos. Na turma do terceiro ano, chamou bastante atenção o fato de alguns estudantes se voluntariarem para ler trechos do livro em voz alta.

No segundo dia, um fato bastante inesperado se repetiu em ambas as turmas: muitos estudantes disputavam os lugares mais próximos para poderem ver as ilustrações mais de perto e também para interagir conforme a história ia sendo lida. Porém, uma novidade também se apresentou na turma do terceiro ano: alguns preferiram trazer suas cadeiras e sentar a certa distância. Ficava perceptível que a partir daquela idade o sentimento de independência já começava a se fazer notável entre os estudantes na faixa dos oito anos, visto que já podiam realizar suas próprias leituras e conheciam grande parte dos elementos apresentados nas ilustrações.

Na quarta-feira os estudantes do segundo ano resolveram se inspirar no livro *A Marcha do Caracol* utilizado no dia anterior para criar uma nova história cujos personagens seriam um caracol, molusco terrestre, e um caramujo, aquático, que puderam comparar suas particularidades e no fim se darem conta que são quase idênticos, mesmo vivendo em ambientes diferentes. Os estudantes do terceiro ano também se inspiraram na leitura da segunda-feira para criar uma história que mostrava um avô cozinhando um prato típico indígena enquanto explica sua origem para sua neta. Ambas narrativas foram criadas em conjunto pelos estudantes e devidamente registrada pelas professoras.

No último dia de trabalho, as ilustrações produzidas chamaram atenção por conta dos elementos apresentados para que ficassem coerentes com os textos produzidos no dia anterior. Nesse contexto, os cenários ganharam muitos detalhes que já indicavam uma preferência às imagens repletas de ícones que faziam referência aos cenários das histórias, porém com forte predominância de elementos que não tinham sido citados, como objetos e personagens secundários. A atividade demonstra o quanto a criatividade de um estudante pode ser estimulada quando o contexto lhe é familiar e agradável. Chamou bastante atenção a interação dos estudantes com dificuldades cognitivas, pois seus desenhos seguiram os mesmos princípios que os demais estudantes.

Figuras 13 e 14 – Atividades de ilustração



Fonte: Trabalhos de estudantes do segundo e terceiro ano da Escola Engenheiro Guilherme Diniz

4.4. Semanas 7 e 8 – Leitores independentes

Compreendendo estudantes do quarto ano e também os matriculados no programa Acelera (que contempla aqueles que se encontram defasados por conta da idade), durante essas duas semanas o programa teve que ser adaptado para se adequar às expectativas dos estudantes cujas idades variavam dos 9 aos 12 anos e também por conta de um problema relacionado ao fornecimento de água, que fez com que as aulas terminassem mais cedo durante nove dias.

Na segunda-feira, assim como ocorreu nas duas turmas anteriores, em ambas as classes os estudantes manifestaram grande entusiasmo por conta da presença de um autor e isso contribuiu bastante para que o andamento da atividade fosse bastante tranquilo. Para a turma do quarto ano, composta por vinte e sete estudantes, o programa seguiu o cronograma inicialmente planejado, ressaltando que o nível de leitura da turma contribuiu bastante para que o processo se tornasse mais dinâmico e, conseqüentemente, favorecesse o debate cuja temática girou em torno de elementos como empatia, companheirismo e amizade. Na turma contemplada pelo Acelera, no entanto, houve uma mudança: embora fosse composta por apenas doze estudantes, a diferença de idades dos membros da turma fez com que dois livros fossem lidos no primeiro dia, o que tornou o debate bastante produtivo e gratificante.

No segundo dia, no entanto, a atividade não seguiu como ocorrido nas semanas anteriores, visto que os estudantes de ambas as turmas apresentavam certa independência e, portanto, não se sentiam à vontade em ter uma leitura mediada em círculo. Esse ponto foi crucial, pois indicava um estágio no qual havia uma significativa mudança no perfil do leitor infantil: ele já se encontra com uma visão de mundo razoavelmente definida e já se sente capaz de realizar suas próprias descobertas.

Na quinta-feira, a atividade de criação da história coletiva evidenciou o quanto a individualidade de cada estudante já se mostrava evidente, pois houve muita discussão acerca dos rumos que o enredo deveria tomar, a ponto de ser necessário ser realizada uma consulta democrática para resolver um impasse surgido. Ficava também evidente que a partir desse momento, os estudantes já se sentiam bastante à vontade para criar suas próprias histórias, inserindo nelas seus pontos de vista particulares sem seguir o senso comum.

No último dia de atividade, porém, ambas as turmas tiveram que ser liberadas mais cedo, o que acabou abreviando o tempo para a preparação das ilustrações. Apesar disso, o resultado foi bastante satisfatório, pois os esboços mostraram algo que não tinha sido solicitado: diálogos entre os personagens.

Figuras 15 e 16 – Atividades de ilustração



Fonte: Trabalhos de estudantes do quarto ano e do Programa Acelera da Escola Engenheiro Guilherme Diniz

4.5. Semanas 9 e 10 – Estudantes assumindo protagonismo

As duas últimas turmas compreendiam estudantes do quinto ano. Por conta dos resultados obtidos ao longo do projeto que evidenciava uma mudança nos perfis dos estudantes conforme aumentava a faixa etária, optou-se por uma alteração das atividades visando explorar a criatividade e as particularidades da turma. Nesse contexto, as temáticas dos livros abordados seriam diferentes para ambas as turmas visando alcançar análises mais abrangentes.

No primeiro dia de atividade, a primeira turma, composta por vinte e um estudantes, realizou um trabalho de leitura com uma história que remetia a um evento astronômico, pois coincidentemente naquela madrugada havia ocorrido uma chuva de meteoros e isso suscitou um grande debate ao longo da narrativa, que por sinal contou com uma grande participação dos estudantes se revezando na leitura dos parágrafos. O enredo cativou tanto que a discussão terminou enveredando por temas como extinção dos dinossauros, observatórios astronômicos e fenômenos meteorológicos. Na segunda turma, o resultado não foi muito diferente, pois a história ambientada nas profundezas dos oceanos também despertou grande debate que resultou na citação do clássico livro de Júlio Verne *Vinte Mil Léguas Submarinas* e também citações sobre animais marinhos já extintos que fascinam o imaginário das crianças.

No segundo dia, a atividade de leitura foi idêntica à do primeiro e dessa vez em ambas as turmas as leituras foram totalmente feitas pelos estudantes. Assim como no dia anterior, os questionamentos foram bastante interessantes, pois as temáticas giravam em torno de formação cultural e perseverança. Chamou bastante atenção o fato de um grupo de colegas ter realizado uma pesquisa sobre um tubarão pré-histórico, o megalodonte, mesmo que não tenha sido solicitada nenhuma atividade sobre o tema.

A quarta-feira reservaria grandes surpresas, pois buscando evidenciar a individualidade de pensamento de cada estudante, a atividade de criação de histórias seguiria um roteiro diferente: personagens, cenários e o início da história seriam elaborados em conjunto, porém o desenvolvimento e a conclusão ficariam por conta de cada criança. O resultado foi surpreendente, pois não houve finais semelhantes, ou seja, mesmo os colegas mais próximos criaram suas próprias

versões para o final da história sem copiar a idéia de quem estava ao seu lado, um forte indício do quanto a escrita denuncia a personalidade de quem escreve.

No último dia de atividade, a criatividade e a individualidade seriam ainda mais enfatizadas por conta das inovações promovidas pelos próprios estudantes: além de ótimas ilustrações, houve também a produção de quadrinhos que mostravam as narrativas de forma linear. Nesse contexto, chamou bastante atenção uma iniciativa realizada por três amigos, dentre os quais havia um que apresentava elevado grau de dislexia e tinha sentido dificuldade em elaborar sua versão da história no dia anterior. Esses três estudantes criaram um trabalho em grupo, que resultou num pequeno livreto com balões de texto e várias ilustrações, o que evidencia a importância da liberdade de pensamento para o processo criativo.

Figuras 17 a 21 – Atividades de ilustração





Fonte: Trabalhos de estudantes dos quintos anos
da Escola Engenheiro Guilherme Diniz

5 RESULTADOS

Os estudantes da Escola Municipal Engenheiro Guilherme Diniz apresentaram perfis bastante heterogêneos ao longo do desenvolvimento do projeto, o que ressalta a importância de se adotar livros com temáticas diversificadas visando atender as expectativas de cada estudante. No entanto, apesar das particularidades individuais de cada criança, os dados obtidos sugerem características comuns entre os estudantes de mesma faixa etária evidenciando que o desenvolvimento cognitivo influi diretamente no tipo de literatura mais indicado para determinados grupos escolares.

Tabela 1 - Relatório de atividade com livros ilustrados na Escola Engenheiro Guilherme Diniz

Faixa Etária	Grau de leitura verbal	Características de leitura visual das ilustrações	Leitura apreciada pelo grupo
4 e 5 anos	Estudantes em fase de conhecimento dos algarismos numéricos e alfanuméricos; primeiras sílabas.	Grande interesse por ilustrações que reproduzam imagens icônicas, com grande presença de contornos, cenários contendo apenas elementos familiares, ressaltando cores vivas e chapadas.	Livros interativos que permitam associação com brincadeiras, como livros de dobraduras cujas ilustrações se destacam das páginas; livros com projetos gráficos que enfatizem cores, texturas e ícones.
6 e 7 anos	Estudantes iniciando leituras de textos curtos.	Tendência a apreciar imagens com maior quantidade de elementos que o grupo anterior, porém mantendo as mesmas características em relação aos ícones e cores.	Livros com texto curto, tipos que remetam a caligrafia manuscrita infantil, emprego de aliterações; ilustrações com boa variedade de elementos, porém ressaltando personagens de forma que não possam ter sua ênfase ofuscada por outros elementos da imagem.
8 e 9 anos	Estudantes com razoável domínio de leitura	Notou-se a preferência por imagens que remetam à realidade, embora ainda	Preferência por livros que apresentem tipos de tamanho maior que 20 cm

		seja notável o gosto por desenhos icônicos ou imagens que remetam às proporções reais, porém apresentadas de forma caricata.	textos destacados que não se mesclam às ilustrações, parágrafos de tamanho razoável, texto em verso ou prosa e ilustrações apresentando elementos que permitam enriquecer os detalhes da imagem.
10 a 12 anos	Estudantes com bom domínio da leitura	Desenhos icônicos começam a dar lugar às ilustrações menos caricatas, com apreciação por elementos como cores frias, visto que já existe um interesse de cunho psicológico pelas imagens.	Livros com parágrafos de bom tamanho, com tipos próximos ao número 12, apresentação de ilustrações bem destacadas de forma que as mesmas começam a perder espaço para o texto por conta da criança que começa a imaginar seu próprio universo.

O trabalho com ilustrações foi primordial para a pesquisa, pois é uma tendência dos estudantes tentarem representar aquilo que mais lhes atrai numa imagem. Nesse contexto, a total liberdade para ilustrar as histórias que os próprios estudantes criaram foi um ponto-chave para identificar possíveis características comuns a determinadas faixas etárias. Em várias ocasiões, por exemplo, estudantes representaram personagens ou ícones que não remetiam ao contexto da história criada, porém serviram para expressar aquilo que cada um deles gostaria de ver numa ilustração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual geração de crianças cresce rodeada de inovações tecnológicas e, conseqüentemente, está a todo o momento em contato com novas mídias em formato digital. Nesse contexto, ficamos tentados a deduzir que os livros literários possam ser substituídos por novas plataformas e com isso assistirmos essa geração crescer avessa ao hábito da leitura. Esse é um conceito bastante precipitado, pois até o presente momento o livro ilustrado permanece gozando de grande prestígio entre os jovens leitores.

O projeto desenvolvido na Escola Engenheiro Guilherme Diniz trouxe excelentes resultados que comprovam o quanto o imaginário infantil ainda se encanta com fábulas, contos de fadas, fantasia e, claro, imagens para representar todos esses universos fantásticos. De fato o clássico formato do livro impresso com acabamento encantador não deverá ter seu reinado ameaçado por ora. Para os estudantes da escola, a possibilidade de adquirir exemplares doados e autografados pelo próprio autor teve um efeito muito positivo, o que evidencia a visão gratificante que cada um deles tem de uma produção literária desenvolvida para pessoas de suas idades.

No tocante às ilustrações, um vasto leque de possibilidades se abriu após a gratificante experiência. Tendências dos estudantes em apreciar imagens que remetem às composições de vanguarda como Fauvismo, Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, Surrealismo foram muito constatadas, pois se trata de um grupo específico que ainda está conhecendo o mundo e se adaptando à realidade. Nesse contexto, o livro infantil ilustrado não só comprova ser uma rica experiência que proporciona os primeiros passos em direção ao magistral universo literário como também pode ser uma importante ferramenta para a inserção dos estudantes no mundo da Arte já captando desde cedo todas as possibilidades de interpretação, representação e expressão de uma imagem.

Um ponto a se destacar se deve à participação das profissionais da escola que deram grande contribuição tanto no desenvolvimento das atividades quanto em depoimentos relativos aos comentários positivos tanto dos alunos quanto de alguns

pais quando tomavam conhecimento do projeto que vinha sendo desenvolvido na escola, o que evidencia que a experiência de leitura em sala de aula assume um contexto didático que ultrapassa as paredes das salas e não se resumem a um simples momento recreativo para ocupar os estudantes e treinar a leitura verbal. Livros infantis ilustrados são importantes ferramentas que desempenham um papel imprescindível na formação cultural, moral, científica e artística de um jovem estudante.

Desenvolver o projeto na escola Engenheiro Guilherme Diniz foi uma experiência muito gratificante que respondeu algumas questões, porém abriu um enorme leque para novas pesquisas, visto que o universo infantil é um enorme campo onde as possibilidades são fabulosas, fantásticas e encantadas. Evidentemente esse foi um passo rumo a uma grande jornada repleta de textos, imagens, afetos e realizações.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Julia Lima L. de. Diálogos entre arte e ilustração: uma coleção infantil para Portinari. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**. Rio de Janeiro, 2016.1. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26718/26718.PDFXXvmi=>>> . Acesso em 17 nov. 2018.

COSTELLA, Antônio Fernando. **Breve História Ilustrada da Xilogravura**. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2003.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

HARTAN, John. **The History of the Illustrated Book**. Londres: Thames and Hudson, 1981.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

MARQUES, Antônio Soares. A função da ilustração na literatura infanto-juvenil. **MÁTHESIS 3**, Coimbra, v 1, n 3, p. 239-249. 1994.

MATA, Sérgio da; MATA, Giulle Vieira da. Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística. **Revista de História e Estudos Culturais**, Minas Gerais, v. 3, n. 2, abr.- jun., p. 1-24. 2006.

OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

SOUZA, Bruna Cardoso de. **Charles Perrault e os Contos da Mamã Gansa**. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras, 2014.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD – Revista Eletrônica de Graduação da UNIVEM**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 135-139, jul./dez. 2009.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

AMMAN, Jost. **Xilogravura do século XVI ilustrando a produção de xilogravura**. <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Woodcut,_early_demo.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2019.

DORÉ, Gustave. **O Gato de Botas**. <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Lechatbotte4.jpg>>. Acesso em 3 jun. 2019.

DORÉ, Gustave. **Travessia do Rio estige.**

<<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=667&evento=9>>. Acesso em 3 jun. 2019.

ROWLANDSON, Thomas. **Açougueiro.**

<<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/392953>>. Acesso em 2 jun. 2019.

SMITH, Jessie Willcox. **A Child's Garden of Verses.**

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilustra%C3%A7%C3%A3o#/media/Ficheiro:Wilcox.jpg>>
Acesso em 3 jun. 2019.

TENNIEL, John. **A festa do chá do Chapeleiro Louco.**

<<https://www.timeanddate.com/holidays/fun/mad-hatter-day>>. Acesso em 3 jun. 2019.

WYETH, Newell Convers. **One More Step, Mr. Hands.**

<https://en.wikipedia.org/wiki/N._C._Wyeth#/media/File:One_More_Step,_Mr._Hands.jpg>. Acesso em 3 jun. 2019.